

O humor como estratégia discursiva de aproximação na midiatização da religião¹

Herivelton REGIANI²

Viviane BORELLI³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O artigo trata do humor como estratégia discursiva de aproximação e de identificação, compreendendo a intensificação de sua presença nas ambiências religiosas como fenômeno integrado ao processo de midiatização da religião. Traz considerações acerca do humor e da comicidade enquanto estratégia discursiva e analisa exemplos presentes na comunicação de dois atores sociais com seus públicos, o pastor evangélico Cláudio Duarte e o padre católico Fábio de Melo. Transpondo as fronteiras denominacionais e religiosas, em suas performances constroem formas de comicidade que possibilitam a identificação por parte de enunciatários que, de outro modo, seriam mais difíceis de acionar. Ao mesmo tempo, notamos que projetam de si mesmos uma imagem diferente do habitual e mais próxima da realidade daqueles com os quais estão em contato.

PALAVRAS-CHAVE: religião; humor; midiatização; discurso.

INTRODUÇÃO

Como afirma Bergson (2001), tentar recolher o riso é como lidar com a espuma das ondas do mar, que se esvai enquanto a tomamos nas mãos. Em outras palavras, a piada, quando explicada, perde seu impacto e graça. Mas isso não significa que não seja possível, do ponto de vista metodológico, apreender os efeitos de sentido (VERÓN, 2004) que são construídos através da comicidade, e as estratégias discursivas a eles vinculadas. Neste artigo, nosso objetivo é descortinar, em seus aspectos comunicacionais, uma das estratégias discursivas vinculadas aos efeitos de sentido da comicidade, a de aproximação dos atores sociais com seus públicos e seguidores.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela UFSM, e-mail: heriveltonreg@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: viviane.borelli@ufsm.br.

A construção do humor que vamos analisar se dá através de performances em plataformas midiáticas, que Fernández (2018) denomina como sites e aplicativos móveis em progressiva interação que, convivendo com outras formas de mediação já conhecidas, possibilitam a aglutinação e a condensação de novas mediações, constituindo vidas em rede⁴.

Nessas ambiências digitais, encontramos uma profusão de páginas, canais e perfis que se dedicam ao que se pode chamar de humor gospel ou humor cristão. Estamos em um contexto de hibridização da produção discursiva religiosa com formatos seculares que pode ser denominado de cultura gospel (CUNHA, 2007), há tentativas cada vez mais diversificadas de ir ao encontro da modernidade e de manter os fiéis conectados aos atores religiosos e às instituições às quais eles estão vinculados.

Os atores religiosos que engendram esses novos modos de se comunicar tomam a mediação em curso na sociedade como processo de referência. Em consequência, enunciam novos modos de os fiéis verem a si mesmos, de tratarem de suas diferenças e de dialogarem com o mundo contemporâneo. Como afirma Braga (2006, p. 17), são construídos outros “padrões para ‘ver as coisas’, para ‘articular pessoas’ e mais ainda, relacionar sub-universos na sociedade”.

Nesse contexto é que o humor, com seu potencial de chamar a atenção ao mesmo tempo em que proporciona um alívio de tensões, constitui-se como importante estratégia discursiva de proximidade e identificação. Há muitos exemplos de atores religiosos que recorrem a articulações cômicas em suas pregações e produções comunicacionais, mas como objetivo estabelecemos analisar a produção de dois casos emblemáticos, um do campo católico, outro do evangélico, que se tornaram referência nessa direção: o padre Fábio de Melo e o Pastor Cláudio Duarte.

A reflexão analisa, portanto, como o humor se constitui enquanto estratégia discursiva de estreitamento de laços e vínculos entre atores sociais do campo religioso e os públicos com os quais estão em contato nas sociedades em vias de mediação. Compreendemos que as postagens desses dois atores sociais tomam forma por meio de materialidades discursivas específicas e que, por questões de espaço, trataremos apenas algumas matérias significantes (VERÓN, 2004).

⁴ Essa reflexão é parte de pesquisa de doutoramento intitulada “Riso sagrado: a comicidade como estratégia discursiva na mediação da religião”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, em abril de 2022.

A pesquisa se insere nas preocupações do grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid) que tem se debruçado a compreender as complexidades constituintes das processualidades das mais distintas práticas sociais, tensionadas e transformadas diante da emergência da circulação. O artigo também amplia discussões anteriores (BORELLI e REGIANI, 2021; REGIANI, FELICIANI, BORELLI e DALMOLIN, 2021) acerca das interfaces entre humor, religião, discurso e outras práticas sociais, como a política. Do ponto de vista metodológico, foram acompanhadas durante quatro anos as postagens dos dois atores sociais em distintas plataformas e eleitos, através de índices e mapeamento de recorrências, alguns fragmentos discursivos (VERÓN, 2004) que remetem à busca do outro por meio do humor.

SOBRE OS ATORES SOCIAIS

Optamos por utilizar o termo “atores sociais” para nomear diferentes sujeitos, sejam eles dotados de caráter institucional – como pastores ou padres – ou indivíduos e coletivos inseridos nas ambiências em midiatização – como comentadores, seguidores, interagentes, participantes, leitores⁵. Tomamos como referência o que Verón (1997) faz ao falar de atores individuais que são agrupados em coletivos que geram determinados quadros identitários.

No que tange ao humor cristão, há produções despontam de grupos que não estão vinculados às estruturas oficiais de igrejas ou instituições religiosas. Apresenta-se, não raras vezes, um riso de contestação, que enuncia disputas internas do campo religioso, bem como tensões existentes na relação entre temáticas e práticas religiosas e o mundo secular. Mas a comicidade também tem sido elaborada e reelaborada por atores sociais que representam o discurso cristão oficial, como pastores, padres e lideranças de grande importância, estando evidente em sites e programações institucionais das igrejas, com vistas a manter ou estabelecer novos vínculos, mas conservando o discurso tradicional.

Uma breve busca na internet por meio do Google, a partir dos termos “humor cristão”, “humor gospel”, “humor evangélico” ou “humor católico”, já é capaz de revelar

⁵ Sabemos que esses termos possuem uma história conceitual singular. Entretanto, como não é objetivo do artigo, os mencionamos de forma a tentar abarcar o conjunto de públicos que estão em relação com a ambiência midiática. Dessa maneira, adotamos o conceito de atores sociais, como explicitado por Eliseo Verón.

uma grande quantidade de canais, páginas ou perfis dedicados a esta atividade. Os formatos são variados, atuando tanto na produção como na agregação e no compartilhamento de vídeos, esquetes, palestras, charges, memes e anedotas, entre outros. Somam-se milhares de inscritos ou seguidores e não é raro que o número seja contado em milhões.

O padre Fábio de Melo destaca-se há mais de uma década no cenário católico por sua intensa inserção nas mídias tradicionais e pelo grande número de seguidores em plataformas midiáticas. tornou-se nacionalmente conhecido devido à sua atuação como cantor e compositor, com o lançamento de álbuns e uma extensa agenda de shows, que mesclam música popular e religiosa. Obteve grande aceitação pelas mídias em geral, não somente religiosas, e tornou-se presença frequente em programas de auditório e *talk shows*. Sua atividade também inclui livros, alguns deles lançados em parceria com atores sociais destacados de outros campos, como educação, psicologia e filosofia.

Em geral, também se apresenta de forma bastante descontraída em seus perfis nas plataformas e nas entrevistas para emissoras de televisão e outras mídias, apesar de guardar limites quanto ao humor no que diz respeito à suas pregações, missas e outras produções no contexto religioso, preservando a imagem pastoral que dele é esperada nessas ambiências. Embora conserve um tom mais informal, de aproximação e de bom humor, não adota a comicidade de maneira tão enfática nesses momentos. No entanto, compreendemos que o seu fazer humorístico, compreendido de maneira integral, é parte de um certo tipo de contrato de leitura (VERÓN, 2004) que é estabelecido com seus públicos, o qual contribui para o alcance que tem conquistado.

Fábio de Melo está presente nas plataformas midiáticas mais conhecidas, com suas próprias páginas oficiais, mas é no Twitter e no Instagram que sua atividade se mostra mais ligada à comicidade. Nestas duas redes, interage frequentemente com atores famosos do campo midiático e publica memes, vídeos e outros conteúdos de tom humorístico, ao mesmo tempo em que também escreve mensagens de cunho espiritual e motivacional, evidenciando grande capacidade de atrair seguidores que não fazem parte das ambiências religiosas tradicionais, como veremos posteriormente.

Já o pastor Cláudio Duarte, de origem batista, tornou-se conhecido por suas palestras para casais, nas quais abordava assuntos como relacionamento e vida sexual, voltando-se para exemplos bíblicos e, mesmo que em tom cômico, reforçando a

moralidade tradicional de sua afiliação religiosa. Trechos de suas palestras passaram a ser muito compartilhados por atores diversos através do YouTube, Facebook e WhatsApp, o que rendeu convites para entrevistas na televisão e participações em programas de auditório, mesmo em emissoras não ligadas à religião.

Gradativamente, ao longo dos últimos anos, Cláudio Duarte foi abrindo o leque quanto às temáticas abordadas em suas palestras, pregações e produções audiovisuais, abrangendo mais temas motivacionais, envolvendo autoajuda, sucesso pessoal e financeiro, sempre articulando textos bíblicos. Também empreendeu diferentes tentativas em canais oficiais no YouTube, Twitter, Facebook e Instagram, acabando por se fixar, mais recentemente, nos dois últimos. Hoje, também é possível encontrar uma quantidade considerável de apropriações e adaptações de seus vídeos por usuários do aplicativo TikTok, que dublam ou encenam trechos de suas falas.

Em ambos os casos, trata-se de pregadores que não mantêm rigorosamente delimitadas as fronteiras entre sua atuação nas igrejas e a vida no mundo secular. Lançam mão da comicidade para fazer circular sua mensagem em diferentes ambiências e constroem e reconfiguram a si mesmos em circulação. Muito do que produzem para seus públicos lhes escapa, pois é apropriado e reeditado em outras instâncias e dispositivos que não são por eles gerenciados. Seus enunciatários atuam como “coenunciadores” e seus seguidores são participantes e coprodutores, remetendo sua produção para além do seu alcance direto e trazendo de volta reações que se tornam impulsos para modificações em sua linguagem e discursos. E a comicidade tem desenvolvido importante papel no acionamento desta dinâmica de coprodução, que passou a fazer parte do contrato que estabelecem com seus seguidores.

Provavelmente essa atividade de atores religiosos, tão marcada pelo riso e pelo humor cômico, não seria bem recebida em tempos passados – mesmo hoje, ela gera reações diversas. A relação entre a fé cristã e o riso foi historicamente marcada por tensões e inspirou muitos debates. Embora o riso sempre tenha recebido seu espaço no cristianismo, esse espaço tem sido controlado e delimitado entre constantes tensões. O humor cômico chegou a ser, durante bom tempo, majoritariamente visto como prejudicial à fé ou relegado à esfera do profano, ligado à dúvida ou ao desrespeito ao sagrado e à moralidade. Posteriormente, com as transformações sociais e comunicacionais,

particularmente ligadas ao processo de midiaticização, é que esse tipo de produção voltou a ser incentivada nos ambientes e nas pregações religiosas.

Neste artigo, tratamos de um dos aspectos que pode ajudar a compreender essa nova abertura ao humor por parte do cristianismo, o seu potencial no que diz respeito à aproximação dos atores religiosos com os fiéis, o que faz com que haja concessões devido à possibilidade de reaproximação destes últimos com as instituições ou, ao menos, uma possibilidade nessa direção.

HUMOR COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE APROXIMAÇÃO

Na construção cômica sempre está presente, em uma percepção de incongruência (BERGER, 2017). É das contradições entre o esperado e o realizado que surgem as surpresas que evocam o riso. Rimos dos outros, com os outros e de nós mesmos como uma forma de lidar com as contradições que são próprias da vida humana. Essa incongruência pode ser enunciada de forma leve e despreziosa ou de modo mais tenso, profundo e inquietante. Pode ser usada tanto para atacar como para defender certas crenças ou suposições sobre a vida ou sobre sujeitos e grupos específicos. Embora sempre guarde um caráter de agressão e afronta, serve também para criar e manter laços identitários.

Nas distintas maneiras de enunciar incongruências, os que se expressam com humor podem assumir uma postura de superioridade (SHIFMAN, 2014) em relação a outros de quem riem e de quem convidam a rir. Mas também pode haver uma postura de autoderrisão (MINOIS, 2003), chamando a rir de si mesmos e da condição humana. Em ambos os casos, o riso, ou a percepção do humor, dependerá do quanto os destinatários convidados a participar sentem-se incluídos no mesmo quadro sociocultural (PERUZZOLO, 2010), conectando-se pela forma de se colocarem junto ao enunciador, identificando-se com as mazelas ou as características risíveis que atribui a si mesmo.

Assim, o ato de rir de si mesmo, para quem enuncia-se de forma cômica, é um convite à aproximação e identificação, um convite a que os enunciatários participem e sintam-se envolvidos com uma mesma visão acerca da vida e da realidade que os cerca.

Vejamos como isso funciona em alguns exemplos destacados da produção de Cláudio Duarte e Fábio de Melo em plataformas midiáticas.

O pastor Cláudio Duarte sempre fala de si mesmo, como homem e esposo, de forma a se aproximar dos seus ouvintes, mencionando problemas que seriam enfrentados no seu relacionamento e assumindo os traços que tornam os homens engraçados, mas, ao mesmo tempo, normalizando-os por essa identificação.

Vejamos dois exemplos, postados pelo pastor em sequência, como que se completando (Figuras 1 e 2).

Figura 2 – Manual para entender os homens



Fonte: *Instagram* de Cláudio Duarte⁶.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/j4HK16JgEY>. Acesso em: 31 out. 2019.

Figura 2 – Manual para entender as mulheres



Fonte: *Instagram* de Cláudio Duarte⁷.

A vida matrimonial, não raras vezes, é terreno fértil para o humor. Como afirma Eagleton (2020), trata-se do tema mais presente na comédia tradicional, pois, como grande protótipo de incongruência, idealiza-se uma união de dois corpos por meio de duas almas, mas corpo e espírito não se unem assim tão facilmente. A tematização de humor relativa à diferenciação de gênero e à vida sexual do casal tem grande apelo e o pastor Cláudio Duarte encontrou ali, durante muito tempo, seu “nicho”.

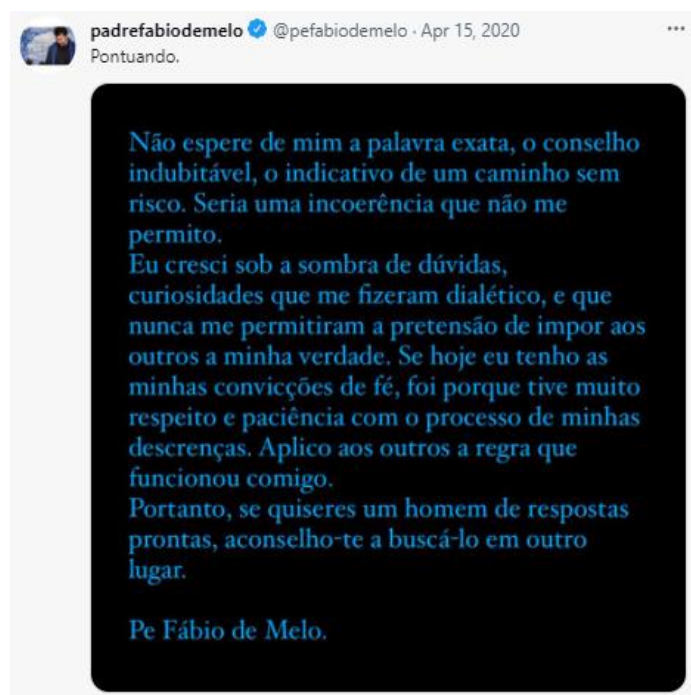
Nota-se, em ambas as postagens do “manual para entender” o cônjuge, que o pastor se coloca como parte da realidade vivida pelos seguidores. Na Figura 1, assume tanto o papel do observador que diagnostica e prescreve, como o lugar daquele que, sentado, ouve, reflete e se delicia com as palavras e o jogo de humor. Já na Figura 2, que se refere a como entender as mulheres, deixa implícito que o lugar vazio no sofá pertence a elas, enquanto, de pé, aponta para o ensinamento que deve ser aprendido. Lê-se, das imagens, uma postura vertical e de prescrição, mesmo quando se coloca como mais um ao lado dos homens e enquanto chama tanto homens como mulheres a uma relação de proximidade.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/j2KWuiJgFe>. Acesso em: 31 out. 2019.

Esse *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 2008) de caráter prescritivo foi, de fato, identificado em nossa pesquisa a partir de marcas recorrentes, tanto verbais como imagéticas, nas postagens e nas performances do pastor Cláudio. Ao mesmo tempo em que enuncia a si mesmo como um marido e pai comum, que tem os mesmos defeitos e traços risíveis dos demais – o mesmo que também faz com a imagem de sua esposa – o pastor guarda para si mesmo o lugar de quem ensina. Um convite a rir junto do que temos em comum para, em seguida, ouvirem o que tenho a prescrever. O humor surge como relaxamento, criando postura favorável à aceitação do que virá como mandamento.

Quanto ao padre Fábio de Melo, este assume, frequentemente, uma postura que podemos chamar de mais reflexiva e menos diretiva ao tratar dos elementos risíveis de sua experiência e das vidas de seus enunciatários. De certo modo, permanece o chamado a rir junto e, uma vez relaxado o interlocutor, começa-se a ensinar. Porém, o ensino vem na direção não necessariamente de indicar condutas, mas de provocar a reflexão a partir do inusitado e inesperado, em postura que enuncia maior abertura e tolerância. Algo que o próprio padre enuncia em suas postagens, como no exemplo abaixo (Figura 3).

Figura 3 – Não espere de mim a palavra exata



Fonte: *Twitter* de Fábio de Melo⁸.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/pefabiodemelo/status/1250482092334604291>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Assim, embora lançando mão de outras temáticas e enunciando um *ethos* diferenciado, o padre também constrói formas de chamar seus públicos a entrarem no jogo do humor por identificação. Um exemplo é o que se pode ver na Figura 4, quadro de uma postagem em vídeo. Em autoderrisão, ainda que assumindo uma personagem, primeiramente brinca com a alcunha a ele atribuída, de “padre cantor”. A irmã Inês Isaura, por ele representada diversas outras vezes, com auxílio de filtros oferecidos pela plataforma que distorcem a imagem e a voz e intensificam o impacto da parca indumentária, é apenas um dos personagens construídos dessa forma.

Figura 4 – Para vereadora: Irmã Inês Isaura



Fonte: *Instagram* de Fábio de Melo⁹.

No vídeo, parte da fala é a seguinte: *Se a gente pode ter um padre prefeito, um padre deputado, um padre cantorrrr... [sobe a voz, quase gritando] POR QUE QUE A GENTE NÃO PODE TER UMA FREIRA VEREADORA EM TAUBATÉ? [desce para o tom suave] Irmã Inês, Inês Isaura, 412716. Eu ouvi um amém?*

Tanto através da irmã Inês como de outros personagens ou encenações do tipo, o padre também trata de sentimentos e emoções que os destinatários sentem, mas nem

⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CHRFpG_nMGD. Acesso em: 31 out. 2019.

sempre têm a coragem de admitir nas interações sociais em que a polidez e a gentileza são imperativas para a performance. Assume sentimentos como a preguiça, a falta de paciência ou a falta de tato e o cansaço nos relacionamentos, como males que também o afligem, aproximando-se do cotidiano dos seguidores.

Essas performances (GOFFMAN, 2014) também têm implicações sobre o *ethos* discursivo quando o sacerdote se coloca como alguém que sofre das mesmas mazelas que seus seguidores, participantes deste locus interacional. E mais, alguém que tem a capacidade de rir de si mesmo ou de situações com as quais se identifica, sem tecer juízos, mas mostrando-se pronto a compreender, aceitar, acolher de forma bem-humorada.

Outro modo frequente de buscar esse tipo de identificação e aproximação é quando o padre lança mão de vídeos ou imagens de animais, sobre os quais constrói uma espécie de fábula com traços de paródia. Dando nomes que já remetem, pela combinação inusitada, a certa comicidade, ele tece diálogos ou pequenas narrativas que espelham o comportamento humano, revelando incongruências que são possíveis de identificar na vida cotidiana. Algo que se pode ver na Figura 5, novamente um *frame* de um vídeo de curta duração.

Figura 5 – Jordano Bruno e a esbórnia alcoólica



Fonte: *Instagram* de Fábio de Melo¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bln4OMUFBB3/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

O vídeo em questão mostra um cachorrinho deitado e quase enterrado na areia, em pose de descanso enquanto segura e come freneticamente uma guloseima. Na legenda postada pelo padre, a construção do humor que lhe é peculiar:

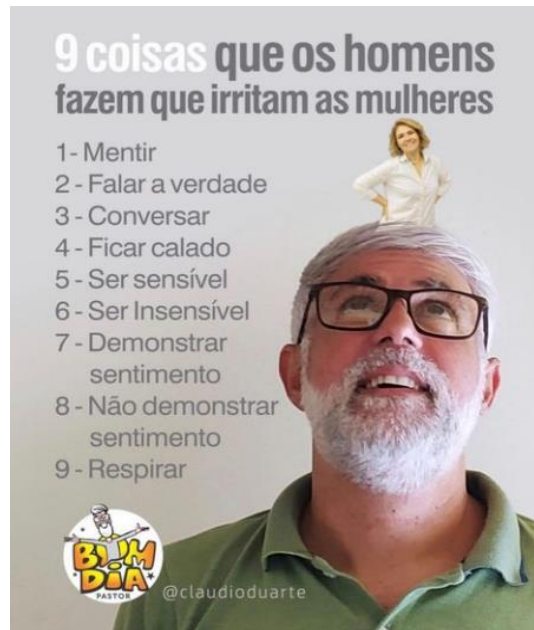
Jordano Bruno, amigo pessoal de @eri¹¹, tem o hábito de tomar um banho de mar regularmente. Chega lá, bate uma bola, toma um sol, e depois vai direto para o trabalho. Só que hoje ele resolveu tomar uma cerveja. Pronto. Foi o suficiente para acordar o cachaceiro perebento que ele tem alojado nas carnes. Agora tá lá enterrado na areia se entupindo de frituras e cachaça. Desligou o celular e não deu satisfações a ninguém. Todo mundo no escritório preocupado, apreensivo, e o bunito se entregando à esbórnia alcoólica e alimentar.. Jordano Bruno, Jordano Bruno, a dignidade não aceita desaforo, meu rapaz!

Esse tipo de postagem é recorrente e aciona uma espécie de jogo que é bem comum na comicidade, o humor ligado ao comportamento animal. Como lembram tanto Eagleton (2020) quanto Minois (2003), o ser humano tende a se definir na diferença em relação aos animais, e costumamos negar nossa animalidade – lembramos que também foi algo experimentado por Charles Darwin nas charges contra ele dirigidas – e sinalizamos como risível o que remete aos animais em nosso comportamento. Assim, as comparações com traços físicos ou comportamentais de animais são frequentes, tanto nos xingamentos como nas anedotas. De modo diferente, mas igualmente eficiente, este elemento desperta a atenção e transporta a uma realidade paralela nas fábulas.

Como podemos ver, os elementos, as situações e as referências que se destinam a uma identificação como efeito de sentido na comicidade são bastante diversificados. Trazemos mais um exemplo na Figura 6, que mostra imagem e texto compondo uma unidade bem parecida com as citadas anteriormente do pastor Cláudio Duarte. Nesta, porém, outros elementos nos chamam a atenção. Primeiramente, a forma como a mulher é representada, sobre a cabeça do homem. Com base em textos bíblicos, o pastor comumente defende a liderança masculina na família e sua iniciativa na resolução dos problemas de relacionamento como sendo parte da ordem divinamente estabelecida. No entanto, aqui, como que em um movimento de inversão, provisoriamente mudam-se os papéis tradicionalmente assumidos, não como se isso representasse necessariamente a realidade vivida, mas como parte do jogo de surpresa, alívio e incongruência que gera o riso.

¹¹ Refere-se ao ator Eri Johnson. O simples ato de marcar um amigo famoso na publicação também impulsiona visualizações, interações e compartilhamentos.

Figura 6 – Nove coisas que os homens fazem



Fonte: *Instagram* de Cláudio Duarte¹².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do humor como estratégia discursiva de aproximação vai ao encontro de aspirações cristãs importantes. Ao se colocarem ao lado dos seguidores como pessoas semelhantes a eles, que têm fragilidades, sofrimentos e alegrias parecidas em suas vidas, o padre e o pastor fortalecem o vínculo de humanidade enquanto convidam a rir junto. Na teologia cristã, trata-se de algo que coaduna com a visão de que todos são irmãos, filhos igualmente perdidos de um Pai Amoroso, que está a lhes ensinar durante a vida. Alguém que, ao mesmo tempo em que os salva e restaura, poderia rir com eles nos tropeços e nas dificuldades.

Também possibilita uma outra visão dos fiéis e públicos com os quais eles têm contato a respeito dos sacerdotes e ministros religiosos. Um ethos pastoral diferenciado, que convida a uma outra maneira de relacionar-se, de maior proximidade e com menor idealização de uma pretensa superioridade moral daqueles que pregam a mensagem. Ao mesmo tempo em que alivia tensões na vida dos seguidores, também libera o ator

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW5bpLpLgWh/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

institucional de algumas amarras quanto a seu comportamento, especialmente no que diz respeito à expressão de sua individualidade. Quanto mais são vistos como semelhantes, menos exigências morais são lançadas sobre eles.

Mas o efeito mais importante dessas novas articulações que fazem parte do processo de mediação da religião é o sombreamento das fronteiras entre os subcampos religiosos e entre o religioso e o secular. O humor possibilita que os atores sociais ultrapassem as fronteiras de sua denominação, à medida em que suas produções são visualizadas, curtidas e compartilhadas por seguidores que não são, necessariamente, cristãos, e que também passam a ver com maior boa vontade suas enunciações e inserções nas ambiências midiáticas. Os atores sociais que lançam mão do humor como estratégia discursiva de aproximação acabam por abrir mais espaços para a circulação dos discursos das próprias instituições às quais estão vinculados.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter Ludwig. **O riso redentor**: a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORELLI, V; REGIANI, H. Humor e religião na pandemia: efeitos de sentidos do riso em circulação no WhatsApp. **REVISTA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS**. v. 47, pp. 273 - 298, 2021.

BRAGA, José Luis. Mediação como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, RS, vol. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.

BRAGA, José Luis. Circuitos de comunicação. In: BRAGA, José Luis; CALAZANS, Regina (Orgs.). **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2017.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

EAGLETON, Terry. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 6, n. 2, p. 8-40, dez. 2018.

FERNÁNDEZ, José Luis. **Plataformas mediáticas**: Elementos de análisis y diseño de nuevas experiencias. Buenos Aires, AR: Crujía, 2018.

GOFFMAN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Entender persuasão**. Curitiba, PR: Honoris Causa, 2010.

REGIANI, H; FELICIANI, M; BORELLI, V; DALMOLIN, A. O Riso como Resistência: Memes contra Bolsonaro no Contexto da Pandemia. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2021**, Recife. Anais... São Paulo, 2021. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt8-ci/herivelton-regiani.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts, EUA: MIT Press, 2014.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, PE, n. 48, p. 1-10, 1997.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.